



Há sempre um silêncio nas palavras. Há sempre um vazio nas imagens. Palavras e imagens se bastam, são elas mesmas, assim como as coisas; mas o mistério está em que, ao mesmo tempo em que habitam o silêncio, elas se abrem de alguma forma inelutável para a significação. E a significação implica algo da ordem do mistério, implica alguém, outrem, aquele que vê, escuta, toca, ouve, experimenta palavras e imagens, muitas vezes na condição de quem chega para transgredir uma certa ordem, a ordem de uma materialidade plástica ou sonora. Isso tem a ver plenamente com arte. Isso tem a ver plenamente com educação. E é disso que trata este dossiê.

Neste número especial de *Educação & Realidade*, organizado pela professora e artista plástica Analice Dutra Pillar, dedicamo-nos a reunir textos filosóficos, artigos de pesquisadores e de estudiosos que fazem de sua prática cotidiana a relação com a arte das imagens e das palavras, também da criação no interior das práticas pedagógicas. Eles nos falam, de diferentes lugares teóricos, sobre um mistério: as relações entre o visível e o invisível, como as pensa o filósofo Merleau-Ponty; as relações entre o instituído e o instituinte; os modos pelos quais artistas de todos os matizes convidam o outro para adentrar o recinto de sua criação e fazer algo com ela.

Não por acaso convidamos a artista plástica Elida Tessler para nos brindar com a capa deste número. A foto gentilmente doada por Elida (e trabalhada com carinho por nossa capista Vera Gliese) é o registro de um de seus trabalhos mais recentes, a instalação “Você me dá a sua palavra?”. Uma instalação errante, peregrina, *work in progress* – iniciada em 2004 e já exibida em vários lugares do Brasil (Rio de Janeiro, Amapá, Espírito Santo), além de Itália, França e Austrália. Atualmente, o trabalho é constituído de 26 metros de fio com prendedores de roupas em madeira, com palavras escritas. “Geralmente, em meio a um diálogo em meu cotidiano, eu pergunto: *Você me dá a sua palavra?*. Neste momento, ofereço um prendedor de roupas e uma caneta. E assim, vou coletando palavras escritas nas mais diversas línguas e distintos lugares. Este trabalho não tem data para terminar. Pretendo continuá-lo ao longo de minha vida”. É assim que Elida descreve seu trabalho, do qual temos um breve e belo registro na capa, e que agora passa a “errar” por entre as páginas, cada página deste número.

A todos uma boa leitura. A todos e todas, o convite para que nos entreguemos às linhas e às entrelinhas destes textos. Para encerrar, um fragmento de Clarice Lispector (do livro *Para não esquecer*): “Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não palavra morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, podia-se com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não palavra, ao morder a isca, incorporou-a. O que salva então é ler ‘dis-traidamente’”. Um abraço.

*Rosa Maria Bueno Fischer*  
*Editora*